

A vida fora do bolso

Vivemos grudados nessa tela que vibra no bolso, que nos acorda de madrugada, que conhece mais sobre nossa vida do que nós mesmos, às vezes. Quando ele some, bateria descarrega ou simplesmente esquecido em casa, é como se uma parte nossa tivesse desaparecido junto.

Olha só que coisa: passamos horas escolhendo fotos, mudando ângulos, escrevendo legendas. Criamos essa versão melhorada de nós mesmos, mais bonita e mais inteligente. E, sem o celular, bateu aquela sensação: “será que sou mesmo assim? Ou será que me tornei prisioneiro dessa imagem que criei?”

Lembro de uma vez, quando fui para o sítio da minha família, e fiquei três dias sem celular. No primeiro dia, toda hora colocava a mão no bolso, procurando ele. Uma ansiedade boba, sabe? Como se tivesse perdido um pedaço de mim. No segundo dia, eu já estava passando grande parte do tempo no rio e andando de cavalo pela cidade, conversando com os moradores e vendo a verdadeira beleza da vida. No terceiro dia, uma coisa engraçada aconteceu: comecei a reparar na natureza e nas árvores do quintal, no jeito que as folhas caíam conforme o vento, até porque eu nunca reparei nisso quando passava pela natureza com o celular. O canto dos pássaros, que era só ruído, virou quase uma trilha sonora confortante. Foi aí que entendi: pude conhecer minha verdadeira essência existencial, longe das mensagens que me falavam quem eu deveria ser a cada minuto.

Sem o celular, você é obrigado a olhar nos olhos das pessoas de verdade. Não tem como fugir para o Instagram no meio de uma conversa alegre ou até mesmo constrangedora. E descobre que o constrangimento, o tédio, até o silêncio... têm seu valor.

Tem uma qualidade diferente na conversa quando não há aquela luz azul acesa prendendo sua atenção. As pessoas falam mais devagar, pensam melhor antes de responder. Parece bobagem, mas não é.

Caminhar sem pressa de chegar a lugar nenhum. Observar as nuvens mudando de formato sem sentir vontade de registrar. Ter uma ideia boa e simplesmente anotá-la, ao invés de postar sobre ela na hora.

Habilidades esquecidas, como: conseguir esperar numa fila sem se estressar, resolver problemas sem pesquisar na primeira dificuldade, aprender a montar um cubo mágico e até mesmo criar pinturas sem consumir dois tutoriais antes.

No final das contas, quem somos sem o celular é quem sempre fomos, só que esquecido embaixo de todas as notificações. Somos as pessoas que conseguem amar sem postar sobre isso, que conseguem andar sem fazer um story a cada esquina.

Ficar sem celular não é saudosismo. É um jeito de lembrar que nossa humanidade não cabe numa tela pequena. Somos bagunçados, mais complexos, mais interessantes do que qualquer algoritmo consegue capturar. E isso, confesso, é meio libertador de descobrir e experienciar.